

“Eu sou aquela que chora”, ou o envelhecimento de Elizabeth Costello, de JM Coetzee¹
“I am the one who cries”, or the Aging of Elizabeth Costello, by JM Coetzee

Marília Fatima de Oliveira²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: As mudanças trazidas pela medicina, tecnologias e outras áreas do conhecimento deram origem ao que a Organização das Nações Unidas (ONU) (UNITED NATIONS, 2019) chamou de “revolução da longevidade” – a chegada do ser humano a uma segunda fase do envelhecimento, aquela dos muito-velhos, ou velhos-velhos. Apesar da grande população de sujeitos muito-velhos em nossa sociedade, estes pouco ou nada são representados na literatura ou nas artes, em especial quando se trata das perdas e ganhos na vida dessa parcela da população. Uma exceção é Elizabeth Costello, personagem criada por JM Coetzee, autor sul-africano radicado na Austrália. Ela surge já idosa e sua trajetória de jovem-velha para velha-velha é acompanhada em diversos contos do escritor. Neste artigo, trataremos das definições atuais de cada fase do envelhecimento e analisaremos a trajetória de Costello, bem como a maneira como sua representação foge às políticas sociais demandadas pelos especialistas em envelhecimento.

Palavras-Chave: Envelhecimento; Coetzee; Elizabeth Costello.

Abstract: Changes brought by medicine, technology and other areas of knowledge gave rise to what the United Nations (UN) (UNITED NATIONS, 2019) call the “Revolution of Longevity” – the arrival of the human being to a second phase of aging, the old-old. Despite the large population of elderly individuals in our society, there are little or almost none representation of them in the literature or the arts, especially when it comes to the losses and gains in life for the old-old population. One exception is Elizabeth Costello, a character created by JM Coetzee, a South African author based in Australia. She has emerged almost septuagenarian and her trajectory from young-old to old-old is accompanied in several tales of the writer. In this paper, we will deal with the current configurations of each phase of aging and analyze Costello’s trajectory, as well as the way its representation is displayed in the social policies demanded by suffering specialists.

Key-words: Aging; Coetzee; Elizabeth Costello.

Submetido em 15 de julho de 2022.

Aprovado em 10 de setembro de 2022.

¹ Este artigo é parte do resultado da pesquisa de pós-doutoramento na Universidade de São Paulo.

² Docente do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional. Email: mariliaoliveira@mail.uft.edu.br

Introdução

Basta uma breve pesquisa para perceber que as questões relativas à passagem do tempo estão por toda a literatura – romance, drama, cinema e outras representações artísticas – em sua maioria, porém, retratando pessoas na meia-idade ou no início do que era considerada a última fase da vida, a terceira idade.

Entre os 154 poemas escritos por Shakespeare presentes no livro *Shakespeare's sonnets* (DUNCAN-JONES, 1998), Katherine Duncan-Jones afirma que somente quatro falam sobre a passagem do tempo. No “Soneto 73” (DUNCAN-JONES, 1998), Shakespeare retrata o sujeito que prevê sua morte desejando manter eterno o amor por um jovem “outro” do poema. Outro exemplo da literatura é o poema “Sailing to Byzantium”³ (FINNERAN, 1968, p. 104), escrito em 1926, no qual Yeats escreve “That is no country for old men”⁴. No poema, Yeats parece se ressentir da ausência de espaço para os velhos no país, lamentando seu corpo envelhecido, mas proclamando o vigor do seu intelecto. Em ambos os casos, é feita a representação de uma fase da vida em que o sujeito se percebe velho, mas ainda tem plena consciência de si e de seu mundo – ou, pelo menos, não se encontra dependente e impotente.

Nossa sociedade está muito diferente daquela de Shakespeare ou Yeats, em especial no entendimento do que é “estar velho”, mas não é de se admirar que a presença dos “velhos muito velhos” nas artes ainda seja incipiente. O envelhecimento acelerado da população (não só por viverem muito, mas também por obsolescência tecnológica) ainda encontra pouco eco na literatura, cujos personagens idosos quase sempre estão na transição entre a meia-idade e a velhice, ou no início desta. Nos textos ficcionais de JM Coetzee, objeto de nossa análise, podemos citar o Magistrado, de *Waiting for the barbarians*⁵ (COETZEE, 1999), Elizabeth Curren, de *Age of iron*⁶ (COETZEE, 1998); David Lurie, de *Disgrace*⁷ (COETZEE, 2000b); Mr. C, de *Diary of a bad year* (COETZEE, 2008b)⁸ – todos saindo da meia-idade e entrando na terceira idade.

³ Em tradução livre para o português, “Navegando para Bizâncio”.

⁴ Em tradução livre para o português, “não há um lugar para os homens velhos”.

⁵ A obra foi traduzida para o português sob o título *A espera dos bárbaros* (COETZEE, 2006), pela editora Companhia das Letras.

⁶ A obra foi traduzida para o português sob o título *Idade do ferro* (COETZEE, 1992), pela editora Siciliano.

⁷ A obra foi traduzida para o português sob o título *Desonra* (COETZEE, 2000a), pela editora Companhia das Letras.

⁸ A obra foi traduzida para o português sob o título *Diário de um ano ruim* (COETZEE, 2008a), pela editora Companhia das Letras.

Nos tempos atuais, no entanto, nossa sociedade está produzindo diferentes maneiras de envelhecimento: além da cronológica, com o surgimento de uma nova fase de vida – a dos muito velhos –, há aquela do sujeito analógico, nascido antes da revolução digital. Ainda em andamento, este envelhecimento digital marca uma geração prematuramente envelhecida não em decorrência da idade ou da decadência do corpo, mas, sim, fundamentada nas perspectivas de produção e na capacidade de adaptação desses “indivíduos analógicos”. Ter ou não o domínio do uso de tecnologias diversas afeta tanto a vida pessoal como – e especialmente – a profissional. Os indivíduos analógicos, ou “migrantes digitais”, como são hoje chamadas as pessoas que não são “nativas-digitais” (PRENSKY, 2001)⁹, travam uma batalha diária para acompanhar as evoluções das novas tecnologias, tentando escapar de um envelhecimento precoce. A psicóloga Costa e a historiadora e socióloga Hardagh (COSTA e HARDAGH, 2018) alertam:

(...) o âmbito da mente, da ética, da educação, da história e das relações humanas (...) e abrem espaço para discutir uma potencial obsolescência produtiva do ser humano, uma vez que a tecnologia tem atuado e crescido onde humanos eram os únicos e tem ido a lugares onde humanos sequer chegarão ou conseguirão chegar com a mesma velocidade e precisão, deixando para trás uma massa de pessoas potencialmente desempregada, desocupada, improdutiva e digitalmente iletrada que vive dentro desta disruptividade sem se dar conta desta ou sequer será inserida neste mundo conectivo. (COSTA e HARDAGH, 2018, p. 528)

Essa população biologicamente ainda jovem, mas jogada ao ostracismo tecnológico, será, ao nosso ver, considerada “velha” para os nascidos-digitais em muito pouco tempo. As gerações de sujeitos analógicos estarão, portanto, de acordo com a lógica de mercado e capital que hoje impera, ultrapassados e arcaicos demais para viverem em um mundo digital e artificialmente inteligente. Esses velhos-analógicos ainda não encontram representatividade na literatura, mas acreditamos que não demorará a encontrarem espaço enquanto personagens em ficção do século XXI.

O acelerado crescimento no número de seres humanos vivendo acima dos 65 anos de idade no mundo ocidental representa, ainda, uma revolução que está em andamento – fenômeno que tem sido chamado de “revolução da longevidade” pela Organização das

⁹ A expressão “nativos-digitais” surgiu em 2001, em um artigo escrito por Marc Prensky para a revista *On the horizon*. Ele cunhou o termo para se referir a todos os nascidos após 1980, cujo desenvolvimento biológico e social se deu em contato direto com a tecnologia, a geração nascida após a revolução digital.

Nações Unidas. Atualmente, há 703 milhões de pessoas com 65 anos de idade ou mais, e as projeções da Organização das Nações Unidas indicam que serão 1,5 bilhão em 2050, ano em que um em cada seis habitantes do planeta terá idade superior a 65 anos (UNITED NATIONS, 2019).

Coetzee, como sujeito analógico que é, ainda não incorporou o obsolescimento tecnológico dos humanos à sua ficção, mas inova ao construir uma personagem cuja trajetória – para o leitor – se inicia quando ela, Elizabeth Costello, rumo ao envelhecimento em duas obras: *Elizabeth Costello* (COETZEE, 2004) e *Moral tales*¹⁰ (COETZEE, no prelo b). A personagem, considerada por muitos críticos como *alter ego* do autor, tem uma visão singular – e negativa – do envelhecimento, cujas consequências pretendemos explorar neste artigo.

Costello se torna ainda mais especial por ter sido criada por um escritor à época sexagenário, chegando à velhice juntamente com seu criador – em 2022, o autor completará 82 anos de idade. Coetzee é, portanto, um homem velho escrevendo sobre o envelhecimento, e não um jovem escritor escrevendo sobre suas ideias do que venha a ser o envelhecimento. Mesmo com a melhor das intenções, o jovem escritor poderá, quando muito, basear sua escrita em observação e leituras, enquanto o escritor que experimenta a velhice terá, supõe-se, uma visão mais realista de todo o processo – as vivências das pessoas, no entanto, são múltiplas e dependem muito de como o sujeito escolhe enfrentar seus reveses. A versão apresentada por Coetzee em suas personagens representa, portanto, uma visão pessoal da velhice tal como ele a vê – ou como viu outros enfrentarem os problemas associados a ela – e as compensações trazidas pelo avanço da idade. As representações aqui elencadas serão consideradas, então, sob a perspectiva do autor e de suas personagens, mas especialmente a partir do olhar de Elizabeth Costello.

1. Ser velho no século XXI

A longa duração da velhice deu origem a novos termos para representar suas diferentes fases. Atualmente, são aceitos por pesquisadores de áreas diversas, como o gerontologista Stephen Barnes (2011) e a socióloga Marcela Petrová Kafková (2016), os

¹⁰ Trata-se da versão em inglês, ainda inédita, do livro *Siete cuentos morales* (COETZEE, 2018), generosamente cedida pelo autor. Atualmente, o texto também está sendo traduzido para o português pela Companhia das Letras (COETZEE, no prelo a), ainda sem data para lançamento. Ao longo deste artigo, faremos referência apenas ao texto da versão em inglês, a partir da qual trabalhamos esta análise.

termos “*young-old*” (traduzido para o português como “jovem-velho”) e “*old-old*” (traduzido para o português velhos-velhos) para designar essas diferentes épocas da vida. A divisão cronológica correspondente não é amplamente aceita, mas alguns estudiosos trabalham com idades aproximadas entre 60 e 75 para o jovem-velho e de 75 até a morte para velhos-velhos. Barnes (2011) explica que os jovens-velhos ainda são considerados úteis para a sociedade e estão em uma fase da vida adulta abordada com otimismo, permeada de adjetivos positivos. É a primeira etapa pós-aposentadoria, em que tanto a saúde quanto as funções sociais e cognitivas estão ativas e tem sido amplamente estudada em várias áreas do conhecimento. Tanto Barnes (2011) quanto Kafková (2018) colocam os velhos-velhos na faixa a partir dos 75 a 85 anos, mas enfatizam que a perda da plasticidade do cérebro e o declínio biológico e cognitivo diferem de pessoa para pessoa, variando no tempo e no padrão de declínio. Assim, quaisquer classificações biológicas serão somente expressões fenotípicas¹¹ dinâmicas e móveis, cuja evolução varia enormemente dependendo de fatores tão diversificados quanto genética, modo de vida, acesso a cuidados, dentre outros. Em conformidade com essas colocações, a gerontologia – ciência que estuda a vida e as necessidades dos velhos – prefere trabalhar baseando-se mais no estado mental e físico do paciente do que na idade. Pode-se ter um jovem-velho ativo e independente aos 80 anos de idade e velhos-velhos de 70 anos. A diferenciação entre ambos está muito mais fundada na qualidade de vida que o sujeito-velho possua.

Quando se trata de representatividade, a sociedade ocidental e suas mídias criaram a expressão “melhor idade” para se referir ao jovem-velho e promover sua inserção na sociedade – considerando os proventos que essa população supostamente tem disponíveis para se cuidar e viajar, e uma situação em que os filhos já são adultos e há uma família amorosa ao redor. Não é raro observarmos nas mídias jovens-velhos sendo incentivados a manter uma vida afetiva e sexual ativa, cognitivamente plena. Também as políticas públicas são mais voltadas para os jovens-velhos (KAFKOVÁ, 2018), enquanto os velhos-velhos quase sempre são deixados para os cuidados da família ou clínicas particulares – para aqueles que podem pagar por esses cuidados –, ou abandonados em instituições públicas – quando mais desafortunados. Em um mundo onde a projeção de crescimento do número de pessoas

¹¹ “Expressão fenotípica” se refere às manifestações e características visíveis nos indivíduos, o que inclui o processo de envelhecimento.

com idade superior a 80 anos prevê o triplo do atual até 2050 (UNITED NATIONS, 2019), pouco se representa o velho-velho e o deslocamento social vivenciado por ele, passando de pessoa ativa para dependente em decorrência do declínio de seu corpo ou de sua mente – não raro, ambos.

Além disso, pouco se aborda na mídia, na literatura ou mesmo na sociedade o medo da morte, o reconhecimento da falência física e cognitiva e a vergonha/embaraço sentido pelos velhos-velhos quando perdem o controle sobre corpo e mente – em especial a partir do momento da tomada de consciência da própria fragilidade e da perda da capacidade de cuidarem deles mesmos. Além das questões das materialidades do corpo, há as questões psicológicas, muitas vezes negligenciadas.

Para Kathleen Woodward (1991), há fatores complexos e que atuam conjuntamente na construção do “velho” e da imagem deste:

In addition to being a state of mind, aging is a biological phenomenon and a social construction. To subjective or personal age [how old we feel we are], we must add social age [how age affects the ways other people treat us], which is mediated by chronological age (how many years old we are) and biological age (the state of health of the body).¹² (WOODWARD, 1991, p. 149)

Partindo desses postulados de Woodward, Leni Marshall (2012) traz relatos de sujeitos – homens e mulheres com mais de 50 anos de idade – que passaram por um processo denominado por ela como “misrecognition”¹³ – uma ausência de reconhecimento do corpo e do rosto que agora habitam, sentindo-se desconectados de suas imagens em fotos e espelhos, o que gera um estranhamento do “eu”. Marshall (2012) afirma que o decréscimo na visibilidade social e no espaço de trabalho percebido no processo de envelhecimento funciona como um espelho social, produzindo o mesmo efeito da imagem do corpo envelhecido refletida no espelho ou fotografada. A autora contesta a afirmação de Kathleen Woodward, para quem esse não reconhecimento pode ser aterrador, em especial quando o sujeito se encontra próximo da morte (WOODWARD, 1991) – o início do fim. Marshall também

¹² Em tradução livre para o português, “Além de ser um estado de espírito, o envelhecimento é um fenômeno biológico e uma construção social. Para a idade subjetiva ou pessoal [com quantos anos nos sentimos], devemos adicionar a idade social [como a idade afeta a maneira a maneira que as pessoas nos tratam], que é mediada pela idade cronológica (quantos anos temos) e pela idade biológica (o estado de saúde do corpo)”.

¹³ Em tradução livre para o português, “não reconhecimento”.

reconhece a importância desse evento na vida dos idosos, mas propõe que o “não reconhecimento” momentâneo do “eu”, aquela fração de segundo em que o sujeito não se reconhece, encerra possibilidades de autoconhecimento e reconstrução pessoal (MARSHALL, 2012, p. 54), colocando-se com um otimismo aparentemente sem muito eco na representação dos velhos na obra de Coetzee e na literatura. Um exemplo desse pessimismo é a visão apresentada por Simone de Beauvoir (1996). Já na década de 1970¹⁴ – e, portanto, antes desse fenômeno geracional dos velhos-velhos – a autora tecia reflexões contundentes e desanimadoras com base no que observava na sociedade:

Are the elderly men? To see how our society treats them, it's doubtful. It admits that they've neither the same needs, nor the same rights as other members of the community, since it denies them the minimum that they deem necessary, and it condemns to deliberate misery, slums, to disability, loneliness, despair.
To appease its conscience, its ideologies have forged myths, however contradictory that encourage adults to see the old man, not its fellow man, but another. He's the venerable Sage, which dominates the world of high ground. It's an old fool who rambles and raves. Whether one is above or below our species, at least, he is in exile. But rather than disguising the reality, it's estimated even better to ignore him completely: old age is a shameful secret and a forbidden subject. Therefore, we must break the conspiracy of silence.¹⁵ (BEAUVOIR, 1996)

Para fornecer uma melhor dimensão do quanto o velho é subestimado no ocidente, Gullette (2017) cita que, durante o furacão Katrina, nos Estados Unidos, 64% dos mortos em Nova Orleans tinham idade superior a 65 anos, embora essa população compusesse apenas 12% da população total. Nenhuma criança – outro grupo mais vulnerável – morreu (GULLETTE, 2017). Esses índices sugerem que os velhos foram ignorados nos planejamentos de resgate da população. Não importa a idade, afirma Gullette (2017) seremos todos vítimas do envelhecimento, mas ele não terá o mesmo efeito em todos, privilegiando

¹⁴ A edição original do livro foi publicada em 1970.

¹⁵ Em tradução livre para o português, “São os idosos homens? Vendo como nossa sociedade os trata, é duvidoso. Ela admite que eles não têm as mesmas necessidades, nem os mesmos direitos que outros membros da comunidade, pois nega o mínimo que consideram necessário e os condena a miséria deliberada, favelas, deficiência, solidão e desespero. / Para apaziguar sua consciência, suas ideologias (BEAUVOIR, 1996) forjaram mitos, mesmo que contraditórios, que encorajam os adultos a ver o velho, não como um próximo, mas como outro. Ele é o venerável Sábio, que domina um mundo mais elevado. É um velho tolo que divaga. Independente de estar acima ou abaixo da nossa espécie, pelo menos, ele está no exílio. Em vez de disfarçar a realidade, estima-se que seja melhor ignorá-lo completamente: a velhice é um segredo vergonhoso e um assunto proibido. Portanto, devemos quebrar a conspiração do silêncio”.

aqueles com condições de pagar por cuidados e assistência médica, além de atividades culturais e educativas que mantenham mente e corpo ativos.

A literatura, nesse contexto, poderia ser uma das armas para a quebra dessa conspiração de silêncio percebida por Beauvoir (BEAUVOIR, 1996) e Gullette (2017). Por seu poder de provocar mudanças sociais e reflexões que podem levar a transformações de comportamento, a ficção ocuparia lugar privilegiado para abordar e pensar esses sujeitos que passam da vida ativa para a margem da sociedade, representando as dificuldades enfrentadas, problemas e escolhas – quando essas existem. A existência de personagens fictícias mulheres na quarta idade é ainda mais rara – como afirma Don Charles, “Old characters are sparsely represented in all historical periods and women are almost nonexistent”¹⁶ (1977, p. 238). É mais difícil ainda encontrá-las em obras de escritores homens, igualmente velhos, cujo conhecimento sobre os ganhos e as perdas trazidas pela decadência do corpo e da mente certamente teve papel na criação de sua personagem. Nesse sentido, a representação de Costello é uma exceção a este cenário de silêncios, em que os velhos-velhos possuem tão pouca representatividade.

2. Elizabeth Costello

Para nos aprofundar na representação literária dos mais velhos – temática ainda tão sensível quanto quase inexistente na literatura e na crítica contemporâneas, mas que vem crescendo enquanto ocorre o envelhecimento dos sujeitos e dos leitores –, selecionamos para análise uma personagem cuja trajetória, ao longo de várias narrativas, às vezes se confunde com a de seu criador, o escritor JM Coetzee. A personagem Elizabeth Costello é a protagonista-palestrante em *A vida dos animais* (COETZEE, 2003) e em *Elizabeth Costello* (COETZEE, 2004); sendo também personagem de *Homem lento* (COETZEE, 2007) e de alguns dos contos presentes em *Moral tales* (COETZEE, no prelo b). Serão estes últimos os objetos de nossa atenção, em especial os contos “*Vanity*”¹⁷, “*As a woman grows older*”¹⁸ e “*Lies*”¹⁹, narrativas que acompanham o envelhecimento de Costello e suas escolhas de vida,

¹⁶ Em tradução livre para o português, “Personagens velhos foram escassamente representados em todos os períodos históricos e as mulheres são quase inexistentes”.

¹⁷ Em tradução livre para o português, “Vaidade”.

¹⁸ Em tradução livre para o português, “Enquanto uma mulher envelhece”.

¹⁹ Em tradução livre para o português, “Mentiras”.

bem como as consequências delas na vida de sua família. Com essa personagem, Coetzee se aprofunda em questões ligadas à parte final da vida com uma abordagem mais filosófica, mas sem deixar de lado as questões do corpo.

Desde seu primeiro aparecimento, em *A vida dos animais* (COETZEE, 2003), Costello, nascida em 1928 (COETZEE, 2004, p. 1), já é uma escritora famosa na faixa dos 70 anos de idade, na transição entre ser uma jovem velha e se tornar realmente velha. Refletindo o modo como pensamos a velhice nos termos dos dias atuais, ela é retratada pelo filho John como alguém cujos cabelos anteriormente com “fios prateados está agora inteiramente branco; os ombros curvaram-se, a pele ficou flácida” (COETZEE, 2003, p. 19), “uma senhora carnuda, velha e cansada” (COETZEE, 2003, p. 21-22). Sua mente, no entanto, mantém-se ativa, e ela usa sua fama e conhecimento para, em palestras, defender o que John chama de “seu cavalo de batalha”, a morte e o consumo de animais por humanos.

Em *A vida dos animais*, John e sua esposa Norma creditam à idade a percepção de que Costello “(...) simplesmente parece confusa, grisalha, cansada e confusa” (COETZEE, 2003, p. 54). A maneira como a idade e a aparência de Costello são abordadas no primeiro texto de *Elizabeth Costello* (COETZEE, 2004), “Os filósofos e os animais”, carrega as marcas discursivas que, segundo Gullette (2011), moldam e influenciam – mesmo que inconscientemente – a maneira como pensamos o outro e, certamente, cria uma imagem negativa da velhice ao associá-la a confusão mental e decadência física.

Nos contos selecionados em *Moral tales* (COETZEE, no prelo b), no entanto, as discussões sobre o envelhecimento se aprofundam e temas como morte, dependência e a invisibilidade dos velhos, em especial das mulheres, são tratados abertamente em conversas entre a protagonista e seus filhos. Ao longo das narrativas, Costello mantém as convicções baseadas em suas experiências e vivências usando o conhecimento que tem da alma dos seres humanos – antes usada para criar ficção – para colocar em cheque o desejo dos filhos quanto ao seu futuro, mesmo quando sua capacidade de cuidar de si está em franco declínio.

O título de cada conto resume o tema focado na narrativa, sempre algum aspecto relativo ao envelhecimento. Em “Vanity”, ao completar 65 anos, Costello surpreende sua família por estar com os cabelos pintados, um corte da moda e maquiagem. Costello diz:

It is not permanent (...) Be assured, it is of brief duration. I will return to myself in due course, when the season is over. But I want to be looked at again. Just once or twice more in my life I want to be looked at as a woman is looked at. That is all. Just the look. Nothing

more. I don't want to make my exit without having that experience.²⁰ (COETZEE, no prelo b)²¹

O desejo expressado por Costello elenca duas questões, a primeira é o fato de que as mulheres mais velhas não perdem sua feminilidade, e a segunda diz respeito à realidade do mundo contemporâneo, em que os velhos – e muito especialmente as mulheres na terceira e quarta idades – deixam de ser objeto de desejo, de serem percebidas, tornando-se socialmente invisíveis.

Na sequência da narrativa, Helen, a filha, consciente do mundo em que vive, adverte a mãe sobre o tipo de olhar que ela possivelmente receberá – não o olhar de admiração esperado por ela, mas o julgamento crítico de uma sociedade cujos valores estéticos de beleza não incluem admirar uma senhora sexagenária, ainda que ela tente parecer mais jovem, correndo o risco de ser ridicularizada.

O diálogo que se segue entre John e Norma é a comprovação não claramente expressada – pois a verdade nunca é claramente verbalizada – do não lugar ocupado pelos velhos. Embora Costello, aos 65 anos de idade e dona de si, seja considerada uma jovem-velha, seu lugar social enquanto mulher lhe é negado:

She wants to repeat a certain experience that she used to have when she was younger. That's all... She wants to be looked at in a certain way. With admiration.
 (...)
 She is going to be disappointed (...) She is not going to get the kind of look she wants. She is going to get another kind of look.
 (...)
 The kind of look that you get when you are... inappropriate. When you dress inappropriately. When you are the inappropriate age for wherever it is you are pretending to be.
 (...)

²⁰ Em tradução livre para o português, “Não é permanente (...) Tenha certeza, é de curta duração. Voltarei a mim no devido tempo, quando a temporada terminar. Mas quero ser vista novamente. Apenas uma ou duas vezes mais na minha vida, eu desejo ser vista como uma mulher é vista. Isso é tudo. Apenas o olhar. Nada mais. Não quero sair sem ter essa experiência”.

²¹ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

Inappropriate is more than unusual. Inappropriate is bizarre. It is what happens when you get old and start losing your mind.²² (COETZEE, no prelo b)²³

Para Norma, portanto, o desejo de ser notada e parecer mais jovem é inapropriado, bizarro, um sinal da senilidade do sujeito velho. A posição adotada por Norma espelha a reflexão de Gullette (2004) de que somos prematuramente envelhecidos pela nossa cultura e por narrativas sobre o tempo útil de vida das pessoas, por códigos de conduta tidos como apropriados e normas cujo resultado é acelerar o processo de envelhecimento, em especial o social. Norma acredita que Costello será humilhada e aprenderá uma lição sobre comportamentos inapropriados. A personagem, embora se julgue imune às convenções e uma livre pensadora, não escapará, segundo a nora, do olhar crítico da sociedade.

O final melancólico proposto por Coetzee desconsidera a realização pessoal de Costello com sua própria aparência: Costello afirma “I don’t think I look weird at all. I think I look rather nice, and other people think so too”²⁴ (COETZEE, no prelo b)²⁵. Se essas “outras pessoas” proferiram opiniões sinceras ou não, seria outra questão – a das mentiras sociais –, enquanto no ambiente familiar, temendo situações das quais ela saia magoada, prevalece o senso comum, ou a “verdade” social expressa, ainda que sutilmente para Costello – e muito contundentes em sua ausência. Todos os filhos, a nora e os netos reafirmam a posição de que há um comportamento considerado adequado e padrão para os idosos – e não o questionam.

3. “Eu sou aquela que chora”

O conto seguinte, “As a woman grows older”, possui quatro interrupções marcadas apenas por um espaçamento entrelinhas diferenciado – gerando cinco partes. Cada parte apresenta uma temática própria, porém todas giram em torno das questões do eixo

²² Em tradução livre para o português, “Ela quer repetir uma certa experiência que costumava ter quando era mais jovem. É isso... Ela quer ser vista de uma certa maneira. Com admiração. / (...) Ela vai ficar desapontada (...) Ela não receberá o tipo de olhar que deseja. Ela vai ter outro tipo de olhar. / (...) O tipo de olhar que você recebe quando é... inapropriada. Quando você se veste de maneira inadequada. Quando você tem idade inadequada para o que quer que seja que deseje ser. / (...) Inadequado é mais do que incomum. Inadequado é bizarro. É o que acontece quando você envelhece e começa a perder a cabeça.”.

²³ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

²⁴ Em tradução livre para o português, “Eu não acho que estou estranha, de modo algum. Eu acho que estou muito bem, e outras pessoas pensam assim.”.

²⁵ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

envelhecimento-vida-morte e da consciência que Costello possui da natureza humana, seus paradoxos e ambiguidades.

O espaço é Nice, na França, residência da filha Helen, onde Costello se reúne com os filhos atendendo a um convite deles. Aos 72 anos de idade, ela suspeita que eles estejam se preparando para propor algum arranjo para sua vida:

She wonders whether there has not been some collusion, whether the two of them do not have some plan, some proposal to put to her of the kind that children put to a parent when they feel she can no longer look after herself. *So obstinate*, they will have said to each other: *so obstinate, so stubborn, so self-willed – how will we get past that obstinacy of hers except by working together?*²⁶ (COETZEE, no prelo b)²⁷

Por meio de Elizabeth Costello, Coetzee, também um escritor e intelectual, demonstra ser um observador do comportamento humano e da época em que vive. Costello compreende o quanto os pais podem se tornar um fardo para os filhos em nossa sociedade, não só financeiramente, mas também psicologicamente, pois culpa e amor, desejo de libertação e vontade de cuidar se misturam ambigualmente, de forma complexa, tornando difícil tanto para os pais quanto para os filhos a resolução dos conflitos.

Whatever proposal it is they have to put to her, it is sure to be full of ambivalence: love and solicitude on the one hand, brisk heartlessness on the other, and a wish to see the end of her. Well, ambivalence should not disconcert her. She has made a living out of ambivalence. Where would the art of fiction be if there were no double meanings? What would life itself be if there were only heads or tails, with nothing in between?²⁸ (COETZEE, no prelo b)²⁹

O pensamento metalinguístico carrega uma reflexão não somente sobre a ambiguidade presente nos caminhos da ficção como também sobre seu poder de capturar as fragilidades humanas e a complexidade das relações nelas retratadas, em especial as que

²⁶ Em tradução livre para o português, “Ela se pergunta se não houve algum conluio, se os dois não têm algum plano, alguma proposta a colocar para ela, do tipo que os filhos colocam aos pais quando sentem que eles não conseguem mais cuidar de si mesmos. ‘Tão obstinada’, eles terão dito um ao outro: ‘tão obstinada, tão teimosa, tão cheia de vontades – como vamos superar essa obstinação senão trabalhando juntos?’”.

²⁷ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

²⁸ Em tradução livre para o português, “Qualquer que seja a proposta que tenham para ela, certamente estará carregada de ambivalência: amor e solicitude, por um lado; impiedade, por outro; e desejo de ver o fim dela. Bem, a ambivalência não deve desconcertá-la. Ela viveu da ambivalência. Onde estaria a arte da ficção se não houvesse duplos significados? O que seria a própria vida se houvesse apenas cabeças e rabos, sem nada no meio?”.

²⁹ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

envolvem pais e filhos, tendo amor e solicitude por um lado e impiedade e desejo de que o fim chegue logo por outro – em especial em relação a pais mais velhos e dependentes –, ou a caminho disso.

Na segunda parte de “As a woman grows older” (COETZEE, no prelo b), observa-se o predomínio do sentimento de deslocamento social causado pela consciência de Costello de estar fora do tempo. Ela diz ao filho: “What I find unsettling, as I grow older (...) is that I hear issuing from my lips words I once upon a time used to hear from old people and swore I would never say myself”.³⁰ (COETZEE, no prelo b)³¹ A sociedade devolve a ela, como o espelho a que se refere Leni Marshall (MARSHALL, 2012), a imagem de alguém deslocado (“*out-of-place*”, ou “fora de lugar”). A imagem que percebe não é a da escritora brilhante, mas a de uma velha senhora mal adaptada ao seu tempo que deplora coisas pequenas como o uso ruim da gramática, a má educação – detalhes que a exasperam não só por acontecerem, mas por serem pequenos demais para serem de fato importantes.

O sentimento de irrelevância sentido por Costello – refletindo o que sentem os muito velhos em nossa sociedade – está representado neste diálogo com John:

I express myself in words, and we are all sick of words by now. The only way left to prove you are serious is to do away with yourself. Fall on your sword. Blow your brains out. (...) Kill yourself at twenty and it is a tragic loss. Kill yourself at forty and it is a sobering comment on the times. But kill yourself at seventy and people say, ‘What a shame, she must have had cancer’.³² (COETZEE, no prelo b)³³

A perspicácia demonstrada por Coetzee nessa fala de Costello é pedagógica no sentido de representar a incompreensão que cerca o idoso quando o tema são seus sentimentos e a sensação de não pertencimento que permeia seu dia a dia e suas relações. A personagem percebe o quanto a realidade do estranhamento – causado por vários fatores, como mudanças no comportamento aceito socialmente ou a adaptação às novas tecnologias – é estranha aos

³⁰ Em tradução livre para o português, “O que considero desconcertante à medida que envelheço (...) é que ouço dos meus lábios palavras que eu costumava ouvir das pessoas idosas e jurei jamais dizer”.

³¹ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

³² Em tradução livre para o português, “Eu me expressei em palavras, e todos nós estamos cansados de palavras atualmente. A única maneira de provar que você é séria é acabar com você mesma. Caia na sua espada. Exploda seu cérebro. (...) Se mate aos vinte e é uma perda trágica. Mate-se aos quarenta anos e haverá um comentário preocupante sobre os tempos. Mas mate-se aos setenta e as pessoas dirão: 'Que pena, ela deve ter tido câncer'.”.

³³ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

mais jovens, cujas vidas estão adequadas ao seu tempo. Igualmente, a incompreensão das razões que levariam um velho ao suicídio. A premissa por detrás dessa fala é a de que o velho morrerá logo, portanto, o suicídio só poderia ser levado a cabo por motivos de doença, ignorando outras possibilidades como a solidão, a inadequação ou simplesmente a perda da vontade de viver uma vida cercada de restrições.

Costello repete várias vezes no texto a palavra “*bleak*” (COETZEE, no prelo b)³⁴ – que pode ser traduzida como “sombria” ou “sem vida”. Ela se sente “*bleak*” – uma palavra que, segundo ela, pertence ao inverno, se tornou parte dela. A representação dessa mulher envelhecida e assombrada por questões para as quais não tem resposta nem solução é reforçada ainda por uma frase repetida ao longo do texto: “I am the one who used to laugh but no longer laughs. **I am the one who cries**”.³⁵ (COETZEE, no prelo b – grifo nosso)³⁶

Na terceira parte de “As a woman grows older” (COETZEE, no prelo b), Costello, ainda apta – e, portanto, uma jovem-velha – percebe que será, em breve, uma velha-velha e necessitará de cuidados. Sem permitir mais uma vez que os filhos abordem o tema tangencialmente, a personagem elenca as questões da linguagem que cercam a velhice e a morte, cheia de eufemismos, e se rebela contra isso. Igualmente, ela se nega a aceitar a ajuda deles:

Say no more, my dear. I am sure you find the euphemisms as distasteful as I do. I could break a hip, I could become senile; I could linger on, bedridden, for years: that is the sort of thing we are talking about. Granted such possibilities, the question for me is: Why should I impose on my daughter the burden of caring for me? And the question for you, I presume, is: Will you be able to live with yourself if you do not at least once, in all sincerity, offer me care and protection? Do I put it fairly, our problem, our joint problem?³⁷ (COETZEE, no prelo b)³⁸

³⁴ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

³⁵ Em tradução livre para o português, “Eu sou a que costumava rir, mas não ri mais. **Eu sou aquela que chora.**”.

³⁶ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

³⁷ Em tradução livre para o português, “Não diga mais nada, minha querida. Tenho certeza de que você acha os eufemismos tão desagradáveis quanto eu. Eu poderia quebrar um quadril, eu poderia me tornar senil; eu poderia ficar acamada por anos: esse é o tipo de coisa de que estamos falando. Considerando tais possibilidades, a pergunta para mim é: por que devo impor à minha filha o ônus de cuidar de mim? E a pergunta para você, presumo, é: você será capaz de viver consigo mesma se não, pelo menos uma vez, com toda a sinceridade, me oferecer cuidado e proteção? Fui justa na colocação de nosso problema, nosso problema conjunto?”.

³⁸ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

Helen responde a Costello: “It is not right to die alone (...) with no one to hold your hand. It is anti-social. It is inhuman. It is unloving. Excuse the words, but I mean them. I am offering to hold your hand. To be with you.”³⁹ (COETZEE, no prelo b)⁴⁰.

Os dilemas morais colocados neste diálogo não são pequenos. A culpa por não cuidar dos pais necessitados por um lado, o peso desse cuidado por outro. Costello demonstra ter plena consciência de que a proposta da filha atua como uma forma de redenção para o futuro, um ato que apaziguará sua consciência quando a hora chegar: eu ofereci e ela recusou – sem eufemismos. Helen baseia sua proposta não no amor pela mãe, mas em nome do que considera mais humano e correto moralmente.

Um outro fator a ser pensado é a singularidade do envelhecimento proposto por Coetzee por meio de Costello. De acordo com as falas da personagem, só há uma perspectiva para a velhice, e ela é negativa, cercada de conflitos pessoais e familiares. Embora ela ainda se sinta capaz e produtiva, a sensação da morte social e da decadência física e psicológica está presente como uma perspectiva muito próxima – e contra a qual a única solução proposta é a morte. Não uma morte qualquer, mas uma “boa morte” que ocorra longe da família:

There is one thing the old are better at than the young, and that is dying.

(...)

A good death is one that takes place far away, where the mortal residue is disposed of by strangers, by people in the death business. A good death is one that you learn of by telegram: *I regret to inform you*, etcetera. What a pity telegrams have gone out of fashion.⁴¹ (COETZEE, no prelo b)⁴²

Embora ainda pouco representada, a quarta idade vem, quase sempre, cercada de negatividade e doença. A perspectiva criada por Coetzee não escapa a esse discurso – a velhice é somente cercada de perdas – e reforça a ideia de que a melhor solução para os velhos é a morte. Na contramão desses discursos, podemos citar o livro *Figuring age*⁴³

³⁹ Em tradução livre para o português, “Não é certo morrer sozinha (...) sem ninguém para segurar sua mão. É anti-social. É desumano. É desamoroso. Desculpe as palavras, mas eu as quero dizer. Eu estou oferecendo segurar sua mão. Estar com você.”.

⁴⁰ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

⁴¹ Em tradução livre para o português, “Há uma coisa em que os velhos são melhores do que os jovens, e isso é morrer. (...) Uma boa morte é aquela que ocorre longe, onde os restos mortais são descartados por estranhos, por pessoas do ramo da morte. Uma boa morte é aquela sobre a qual é informada por telegrama: ‘Lamento informar a você’ etc. Que pena que os telegramas saíram de moda.”.

⁴² O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

⁴³ Em tradução livre para o português, “Compreendendo a idade: mulheres, corpos, gerações”.

(WOODWARD, 1999), em que a autora ressalta a importância de escaparmos de discursos essencialistas, criando uma imagem menos negativa sobre os velhos-velhos e os cuidados que demandam.

Podemos conjecturar que Helen – solteira e sem perspectiva de ser mãe –, estando já na meia-idade, projeta na morte proposta pela mãe – solitária, sem alguém para segurar-lhe a mão – a sua própria velhice e morte. Como afirma Kafková (2016), para os jovens-velhos os velhos-velhos incorporam tudo o que é temido: perda de autonomia, fragilidade e desesperança. A filha de Costello, a caminho de se tornar uma jovem-velha solitária, vê em sua mãe um espelho socialmente incômodo, aquele cuja imagem transformou a mãe em um ser deslocado no mundo em que vive. O que Helen não percebe em sua mãe, ainda mentalmente ativa e fisicamente apta, é a perda do prazer de viver, apontando a transição para a quarta idade e para o fim de sua vida.

Paradoxalmente, ao fim dessa parte, Costello e Helen ouvem o canto do cuco, um pássaro que anuncia a primavera, mas que também é um pássaro parasita, que coloca seus ovos em ninhos de outras aves, deixando para elas o trabalho de chocar seus filhotes – muito provavelmente, uma representação simbólica da mãe Elizabeth Costello e seu sentimento de não ter sido boa para sua prole.

Her children are and always have been good, dutiful, as children go. Whether as a mother she has been equally good and dutiful is another matter. But in this life we do not always get what we deserve. Her children will have to wait for another life, another incarnation, if they want the score to be evened.⁴⁴ (COETZEE, no prelo b)⁴⁵

Tais reflexões podem ser compreendidas como parte do processo de envelhecimento, o momento do acerto de contas com seu próprio eu, onde são pesadas as escolhas feitas – em alguns casos resultando em arrependimentos e em outros, no reconhecimento dos acertos – e constata-se a certeza de serem parte do passado, algo que não é mais passível de mudança – em outra vida, talvez, caso a personagem acreditasse nessa possibilidade.

⁴⁴ Em tradução livre para o português, “Seus filhos são e sempre foram bons, obedientes, como os filhos são. Se, como mãe, ela foi igualmente boa e prestativa é outra questão. Mas nesta vida nem sempre conseguimos o que merecemos. Seus filhos terão que esperar por outra vida, outra encarnação, se quiserem estar quites nesse jogo.”

⁴⁵ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

A quarta parte de “As a woman grows older” (COETZEE, no prelo b) inicia com Costello e seus filhos de meia-idade jogando cartas, o que é, metaforicamente, o que vêm fazendo desde o início do conto – um jogo em que eles tentam fazer com que a mãe aceite seus cuidados e a mãe se recusa a ceder. A própria Costello relaciona o jogo de cartas aos jogos da vida, reconhecendo como se dão as relações familiares, segundo sua visão pessimista do mundo “(...) does it merely say that families, happy families, are held together by a repertoire of games played from behind masks⁴⁶? (COETZEE, no prelo b)⁴⁷.

Costello não tenta transcender o corpo e a finitude do corpo – assim como não aceita a perspectiva de transcendência após a morte. Na escrita de Coetzee – seja em Costello ou em seus filhos –, não há espaço para pensar a vida após a morte ou qualquer outro alívio para a ideia de finitude que cerca a personagem. A ideia do fim, então, torna-se mais aterradora, pois se apresenta como um fim absoluto.

Presas, portanto, às questões da vida física e da possibilidade da senilidade e da fragilidade, Costello aborda o tema do desejo, já indiretamente discutido por Coetzee em outras obras, como *Homem lento* (COETZEE, 2007), *Diary of a bad year* (COETZEE, 2008b), *Age of iron* (COETZEE, 1998), *Disgrace* (COETZEE, 2000b) e alguns artigos críticos. Costello não trata, no entanto, do desejo físico ou da luxúria tão presente nos personagens masculinos de Coetzee. Ela fala de algo mais ligado à vida, à capacidade de desejar e, por consequência, de sonhar: “I am losing... the power of desire”⁴⁸ (COETZEE, no prelo b)⁴⁹, afirma ela, ao comparar a deterioração das células do seu cérebro que segundo ela são responsáveis pelo desejo com as cores do outono:

Just as spring is the season that looks forward, so autumn is the season that looks back. The desires conceived by the autumnal brain are autumnal desires, nostalgic, layered in memory. They no longer have the heat of summer; even when they are intense, their intensity is complex, multivalent, turned more toward past than future.⁵⁰ (COETZEE, no prelo b)⁵¹

⁴⁶ Em tradução livre para o português, “(...) será que somente significa que famílias, famílias felizes, são mantidas juntas por um repertório de jogos jogados por trás de máscaras?”.

⁴⁷ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

⁴⁸ Em tradução livre para o português, “Eu estou perdendo... o poder de desejar”.

⁴⁹ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

⁵⁰ Em tradução livre para o português, “Assim como a primavera é a estação que olha para a frente, o outono é a estação que olha para trás. Os desejos concebidos pelo cérebro outonal são desejos nostálgicos, mergulhados na memória. Eles não têm mais o calor do verão; mesmo quando são intensos, sua intensidade é complexa, multivalente, voltada mais para o passado do que para o futuro.”.

⁵¹ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

A personagem considera que sua experiência de envelhecimento é um estado permanente de ser, algo que não passará como uma mudança de humor, e tira dela a capacidade de desejar, pois o desejo é algo ligado ao futuro – mas ela está cada vez mais ligada ao passado. Uma vez mais, Coetzee associa velhice a desesperança e nostalgia, um *insight* sobre alguém que não se rebela contra a morte, mas a aceita como inevitável e próxima, enquanto se volta para as lembranças do passado:

“Because if it were just a mood it would change, as moods do. The sun would come out, my mood would grow sunnier. But there are conditions of the soul that reach deeper than moods. *Nostalgie de la boue*, for instance: not a mood but a state of being.

(...)

Everything I see, everything I say, is touched with the backward look. What is left for me? **I am the one who cries.**⁵² (COETZEE, no prelo b – grifo nosso)⁵³

A expressão “I am the one who cries”⁵⁴ se repete logo depois, quando os filhos de Elizabeth Costello se sentem perturbados por uma nova história que a mãe pretende escrever: “The real story is out on the balcony, where two middle-aged children face a mother whose capacity to disturb and dismay them is not yet exhausted. *I am the one who cries.*”⁵⁵ (COETZEE, no prelo b – grifo do autor)⁵⁶. A repetição dessa frase chama a atenção, em especial, pela amargura dos sentimentos por detrás de cada pensamento. Ela salta, contundente, mostrando quem sofre. Se retomarmos os contextos em que ela aparece, veremos que estão cercados por perdas: “I am the one who used to laugh but no longer laughs. **I am the one who cries**”, “What is left for me? **I am the one who cries**” e “(...) a mother whose capacity to disturb and dismay them is not yet exhausted. **I am the one who cries**” (COETZEE, no prelo b – grifo nosso)⁵⁷. A frase resume, portanto, o conto cujo título é

⁵² Em tradução livre para o português, “Porque se fosse apenas uma questão de humor, mudaria, assim como o humor muda. O sol sairia, meu humor ficaria mais ensolarado. Mas existem condições da alma que atingem mais profundamente que os humores. *Nostalgie de la boue*, por exemplo: não um humor, mas um estado de ser. (...) Tudo o que vejo, tudo o que digo, é tocado com o olhar para trás. O que resta para mim? Eu sou aquela que chora.”

⁵³ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

⁵⁴ Em tradução livre para o português, “Eu sou aquela que chora”.

⁵⁵ Em tradução livre para o português, “A verdadeira história está na varanda, onde duas crianças de meia-idade enfrentam uma mãe cuja capacidade de perturbá-las e consterná-las ainda não está esgotada. *Eu sou aquela que chora.*”

⁵⁶ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

⁵⁷ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

ambíguo: enquanto uma mulher envelhece, ou como uma mulher envelhece, ela é quem chora.

Uma possibilidade de transcendência surge na quinta e última parte de “As a woman grows older” (COETZEE, no prelo b) e é rejeitada por Costello quando ela e seu filho dialogam sobre o trabalho dele – um cientista que pesquisa o tempo –: “time before the beginning of time, time after the end of time”⁵⁸ (COETZEE, no prelo b)⁵⁹. A possibilidade de encontrar Deus é levantada por John –, mas Costello repele a ideia. Para a personagem, Deus é invisível a ela – mas pede ao filho que, caso O encontre, O avise de que se encontrarão em breve, ela e Deus.

Desconcertado pela posição da mãe, John a convida para morar em sua casa: “It is a big house (...) The children will love it. It will be good for them to have their grandmother around”⁶⁰ (COETZEE, no prelo b)⁶¹. Costello, no entanto, recusa o convite e, voltando à negatividade, não consegue alcançar ou aceitar o amor familiar:

They may love it while they are nine and six. They will not love it so much when they are fifteen and twelve and bring friends home and Grandma is shuffling around the kitchen in her slippers, mumbling to herself and clacking her dentures and perhaps not smelling too good. Thank you, John, but no.⁶² (COETZEE, no prelo b)⁶³

Para ela, as ações dos filhos são movidas por dever, ditadas pela consciência. O receio de se tornar um fardo para todos não permite ver as ações por nenhum outro viés.

Coetzee fecha o conto com Costello se despedindo deles: “At least (...) they do not treat me like a fool. At least my children do me that honor”⁶⁴ (COETZEE, no prelo b)⁶⁵. A honra a que se refere Costello é a de ter sua vontade respeitada enquanto isso for possível, o que não mais acontecerá em “Lies” (COETZEE, no prelo b).

⁵⁸ Em tradução livre para o português, “Tempo antes do início dos tempos, tempo após o fim dos tempos”.

⁵⁹ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

⁶⁰ Em tradução livre para o português, “É uma casa grande (...) As crianças vão adorar. Será bom para eles ter a avó por perto”.

⁶¹ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

⁶² Em tradução livre para o português, “Eles podem adorar enquanto têm nove e seis anos. Eles não vão amar tanto quando estiverem com quinze e doze anos e trouxerem seus amigos para casa e vovó estiver andando pela cozinha de chinelos, resmungando consigo mesma, estalando as dentaduras e talvez não cheirando muito bem. Obrigado, John, mas não.”.

⁶³ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

⁶⁴ Em tradução livre para o português, “Pelo menos (...) eles não me trataram como uma tola. Pelo menos, meus filhos me fazem essa honra”.

⁶⁵ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

4. Prognóstico do fim

A transição entre o encontro anterior, em Nice, e o próximo a ser analisado, em “Lies” (COETZEE, no prelo b), é a mudança de Costello da Austrália para uma *villa* na Espanha, onde vive rodeada de gatos e dá asilo a um jovem problemático que ali morava⁶⁶. Nota-se, no entanto, que o filho compreensivo de Nice está agora irritado com o que considera as idiossincrasias da mãe:

Why, in the evening of her life, can she not settle down in some civilized place? It was complicated getting here, it will be complicated getting back; even being here with her is more complicated than need be. Why must everything his mother touches turn complicated?⁶⁷ (COETZEE, no prelo b)⁶⁸.

Costello defende seu modo de vida, vivendo isolada de todos, como uma escolha pessoal, ignorando os problemas que traz aos familiares. Essa atitude, que poderia ser vista como egoísta e incoerente, faz também parte do imaginário do que é envelhecer. Independentemente de textos acadêmicos, é quase um senso comum os filhos julgarem os pais como teimosos e intransigentes, pois as escolhas destes implicam, quase sempre, atribuições extra para eles. Embora, talvez, não seja o desejo de Coetzee repreender as atitudes dos velhos, a postura de Costello certamente influenciará como as pessoas veem os velhos-velhos. A tendência, cremos, é simpatizar com os filhos cujo desejo é ver a mãe segura, ignorando o desejo da senhora que, paradoxalmente, há anos se diz incapaz de desejar. A velha senhora, plenamente consciente do fim próximo, decide viver seus últimos tempos de acordo com sua vontade:

“I am preparing myself for the next move (...) The last move.” She looks him in the eye; she is calm; she seems to be entirely serious... “Does that make sense to you?”

⁶⁶ A relação entre Costello e esse jovem é o pano de fundo do conto “The old woman and the cats” – em tradução livre para o português, “A mulher idosa e os gatos” – (COETZEE, no prelo b). Nesse conto, há um debate sobre as questões dos animais.

⁶⁷ Em tradução livre para o português, “Por que, no anoitecer de sua vida, ela não pode se estabelecer em algum lugar civilizado? Foi complicado chegar aqui, será complicado voltar; até estar aqui com ela é mais complicado do que o necessário. Por que tudo que sua mãe toca deve ficar complicado?”.

⁶⁸ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

Does it make sense to him? Yes. No. He came here to talk about death, the prospect of death, his mother's death...⁶⁹ (COETZEE, no prelo b)⁷⁰

Para nossa análise, importa como Coetzee constrói essa transição entre a jovem-velha que optou por morar sozinha e isolada dos filhos e a velha-velha Costello que surge em “Lies” (COETZEE, no prelo b), dependente da ajuda de um homem simplório e incapaz de cuidar de si.

Incapaz de acreditar em um Deus e seguindo o seu entendimento, já expresso, do que seja uma boa morte, a personagem se isola em uma *villa* na Espanha, onde passa a cuidar dos gatos das redondezas. Após sofrer uma queda, ela fica impossibilitada até de estar próxima de sua mesa de trabalho, de seus papéis e livros. Neste ponto, é importante destacar, sua única queixa é estar longe de seus livros e de sua mesa de trabalho – mesmo na situação precária em que vive.

Na trajetória de Costello, observamos a transição de jovem-velha para velha-velha de forma súbita, após uma queda. Marcela Kafková (2016) afirma que a perda de locomoção após uma queda é um dos fatores que levam à fragilidade do sujeito, sendo que a perda de autonomia é um dos fatores da perda do desejo de viver. Costello estava preparada para a morte, mas não para a perda física abrupta, o que torna mais difícil aceitar-se incapacitada. Coerente com suas escolhas anteriores, ela deseja manter sua independência e sua mente ativa a qualquer custo.

“Lies” (COETZEE, no prelo b) se divide em três partes, duas das quais são cartas de John para sua esposa, Norma. A parte mais longa é um difícil diálogo entre ele e sua mãe, que resiste a sucumbir ao desejo e às propostas de Helen e John. Como o título sugere, o conto trata de situações em que não estamos de posse da verdade ou não dizemos a verdade. Neste conto, entre as cartas para Norma e o diálogo com a mãe, pode-se pensar que só há uma mentira em jogo, a que Costello conta a si própria, ignorando sua necessidade de ser cuidada.

“Two places. By *places* do you mean *institutions*? Institutions where I will feel at home?”

⁶⁹ Em tradução livre para o português, “‘Estou me preparando para a próxima jogada (...) O último movimento.’ Ela o olha nos olhos; ela está calma; ela parece totalmente séria... ‘Isso faz sentido para você?’ / Se faz sentido para ele? Sim. Não. Ele veio aqui para falar sobre a morte, a perspectiva de morte, a morte de sua mãe...”

⁷⁰ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

“I know you don’t like institutions, Mother. Nor do I. Nor does Helen. But there comes a point in our lives when we have to compromise between what we ideally want and what is good for us, between independence on the one hand and security on the other.”⁷¹ (COETZEE, no prelo b – grifo do autor)⁷²

Nesse diálogo, Coetzee aborda questões muito presentes em nosso tempo, como as situações colocadas pela globalização, em que familiares moram longe uns dos outros, em uma sociedade muito diferente daquela que existia pré-Revolução Industrial, quando as famílias se cuidavam, nasciam e viviam juntas, e o sujeito nascia e morria no mesmo local. Na atualidade, cada membro da mesma família pode residir em locais distantes, cada um com sua família e seus trabalhos e ocupações, como é o caso dos filhos de Costello. Como, então, cuidar de uma senhora idosa cujas necessidades requerem atenção constante? Além da globalização, vivemos em um tempo em que as pessoas vivem cada vez mais, e os filhos logo serão também jovens-velhos com pais muito velhos, ambos necessitando de cuidados. Essas são questões impostas pelo nosso tempo, e será preciso refletir sobre elas.

Oferecendo-nos uma possibilidade de resposta, porém abordando a velhice sob um viés pessimista, Coetzee retrata a vulnerabilidade biológica e o declínio físico, mas não mostra sua personagem como alguém a quem a vida tenha ensinado a manter emoções positivas e a preservar suas relações. Por meio de Costello, por oposição, visualizamos a importância das relações sociais e familiares – e dos aspectos positivos dos afetos construídos ao longo da vida – em especial na última fase da vida, quando alguns se tornarão velhos-velhos. As opções oferecidas em “Lies” (COETZEE, no prelo b) são poucas: receber atendimento por pessoas especializadas em tratar os velhos e aceitar a morte, ou morrer sozinha em um vilarejo qualquer. Costello, ao final, demanda de John uma fala sem eufemismos, a verdade por detrás das propostas levadas a ela. Sem coragem para fazê-lo, John escreve para a esposa, ensaiando o que dirá a mãe:

But I could not. I could not say to her face what I have no difficulty in writing here, now, to you: The real truth is that you are dying. The real truth is that you have one foot in the grave. The real truth is that already you are helpless in the world, and tomorrow you will be even more helpless, and so forth day after day, until the day comes when there will be no help at all. The real truth is

⁷¹ Em tradução livre para o português, “Dois lugares. Por *lugares* você quer dizer *instituições*? Instituições onde me sentirei em casa?” / “Eu sei que você não gosta de instituições, mãe. Nem eu. Helen também não. Mas chega um momento em nossas vidas em que temos que nos comprometer entre o que idealmente queremos e o que é bom para nós, entre a independência, por um lado, e a segurança, por outro.”

⁷² O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

that you are in no position to negotiate. The real truth is that you cannot say No. You cannot say No to the ticking of the clock. You cannot say No to death. When death says Come, you must bow your head and come. Therefore accept. Learn to say Yes.⁷³ (COETZEE, no prelo b)⁷⁴

A moldura construída por Coetzee para o fim de sua personagem – ou o prognóstico de fim – repete todas as imagens e estereótipos socialmente construídos em torno dos velhos-velhos, embora, como dissemos, sendo Coetzee um jovem-velho aos 80 anos, em plena atividade intelectual e física, mantendo a plasticidade do pensamento, podemos supor que o autor pode simplesmente estar dando vazão, por meio de sua personagem, aos medos que cercam os jovens-velhos diante da perspectiva de tornarem-se velhos-velhos. Há em Costello e na fala de John a construção de uma ideia de subalternidade do idoso e falta de atitude em decorrência da falência do corpo. A subalternidade do corpo, no entanto, nem sempre significa uma mente senil.

Enquanto seus personagens masculinos de obras anteriores, como David Lurie, em *Disgrace* (COETZEE, 2000b), e o Magistrado, em *Waiting for the barbarians* (COETZEE, 1999), chegam à terceira idade vislumbrando a velhice e lamentando a perda das paixões, Costello atingirá a quarta idade, ou se tornará uma velha-velha, lamentando não os fim das paixões, mas o fim da capacidade de desejar e criar, de cuidar-se e de fazer associações e preservar as emoções positivas da vida. Enquanto os demais personagens masculinos de Coetzee, mesmo velhos, retomam suas vidas, mesmo que transformados, para ela o futuro não estará mais atrelado a sua vontade, mas às dos filhos e à do seu corpo debilitado.

Apesar da moldura negativa construída nesses contos, uma literatura que sugira novas possibilidades ou uma quebra de paradigmas e verdades prontas pode ser útil para elucidar aos mais jovens as dificuldades trazidas – de fato, como já apontamos no início deste artigo, a fragilidade dos muito velhos pode, sim, demandar maiores cuidados – e, ao mesmo tempo,

⁷³ Em tradução livre para o português, “Mas eu não pude. Não pude dizer na cara dela o que não tenho dificuldade em escrever aqui, agora, para você: *A verdade é que você está morrendo. A verdade é que você está com um pé na cova. A verdade é que você já está desamparada no mundo, e amanhã ficará ainda mais desamparada, e assim por diante dia após dia, até chegar o dia em que não haverá mais ajuda. A verdadeira verdade é que você não está em posição de negociar. A verdade é que você não pode dizer não. Você não pode dizer não ao tempo. Você não pode dizer não à morte. Quando a morte diz venha, você deve abaixar a cabeça e seguir. Portanto aceite. Aprenda a dizer sim.*”.

⁷⁴ O acesso que nos foi concedido pelo autor envolveu apenas a versão eletrônica do texto, ainda sem paginação.

enfocar a sabedoria acumulada pelos mais velhos, preparando-os para compreender o caminho que também será trilhado por eles um dia.

Talvez por ser um escritor (homem) criando uma escritora (mulher), Coetzee não tenha obtido sucesso em ir além e quebrar os paradigmas que cercam a mulher na sociedade, em especial as mulheres muito velhas. O isolacionismo de Costello, a ausência de uma rede social – ainda que pequena – bem como as seleções emocionais e afetivas que faz desde o seu surgimento a tornam uma personagem cuja personalidade é fixa, e cujas crenças não se alteram com a percepção do fim, se negando a buscar ou aceitar amor e conforto.

Buscando ir além da questão dos cuidados com os velhos-velhos, acreditamos que os contos – e o isolamento cada vez maior de Costello até mudar-se para a Espanha – pode ser visto como uma metáfora para a realidade do isolamento social sentido pela personagem, e seu medo de se tornar um fardo para a família.

Não há como não notar que a proposta inicial dos filhos de uma convivência próxima, até mesmo de morar na casa do filho, foi substituída por uma instituição impessoal – com enfermeiras cuidando da mãe e ninguém da família para segurar-lhe a mão na hora da morte. Costello sempre esteve dolorosamente consciente das convenções e das questões morais por detrás das propostas feitas quando ainda poderia cuidar de si e talvez tenha sido esta a outra mentira a que se refere o conto – a da oferta de apoio e cuidados quando ela ainda não os necessitava.

Talvez, uma literatura mais otimista, sugerindo novas possibilidades ou uma quebra dos paradigmas e verdades prontas que cercam os muito velhos possa ser útil para elucidar aos mais jovens as dificuldades trazidas pelo envelhecimento e, ao mesmo tempo, valorizar a sabedoria acumulada pelos mais velhos, preparando-se para compreender o caminho que também será trilhado por eles um dia.

Referências

BARNES, S. F. Fourth age: the final years of adulthood. **State University Interwork Institute**, 2011. Disponível em: <http://calbooming.sdsu.edu/documents/TheFourthAge.pdf>. Acesso em: 18 out 2019.

BEAUVOIR, S. D. **The old age**. Nova Iorque: WW Norton & Company, 1996.

CHARLES, D. C. Literary old age: a browse through history. **Educational Gerontology**, v. 2, n. 3, p. 237-253, 1977. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0360127770020304>. Acesso em: 15 nov 2019.

COETZEE, J. M. **Age of iron**. Londres: Penguin Books, 1998.

_____. **A vida dos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Contos morais [título provisório]**. São Paulo: Companhia das Letras, no prelo a.

_____. **Desonra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000a.

_____. **Diário de um ano ruim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a.

_____. **Diary of a bad year**. Londres: Penguin Books, 2008b.

_____. **Disgrace**. Harmondsworth: Penguin Books, 2000b.

_____. **Elizabeth Costello**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Homem lento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Idade do ferro**. São Paulo: Siciliano, 1992.

_____. **Moral tales [título provisório]**. [S.l.]: [s.n.], no prelo b.

_____. **Siete cuentos morales**. Barcelona/Buenos Aires: Penguin Random House, 2018.

_____. **Waiting for the barbarians**. Londres: Penguin Books, 1999.

COSTA, M. M. A. E. F. F. D.; HARDAGH, C. C. Cidades inteligentes são cidades saudáveis? **Labor & Engenho**, Campinas, v. 12, n. 4, out-dez 2018. DOI: <https://doi.org/10.20396/labore.v12i4.8654327>.

DUNCAN-JONES, K. (Ed.). **Shakespeare's sonnets**. Londres: Thomas Nelson & Sons, 1998.

FINNERAN, R. J. (Ed.). **The poems of W.B. Yeats: a new edition**. [S.l.]: Macmillan Publishing Company, 1968.

GULLETTE, M. M. Against “aging”: how to talk about growing older. **Theory, Culture & Society**, n. 7-8, dezembro 2017. Disponível em: <https://www.theoryculturesociety.org/margaret-morganroth-gullette-aging-talk-growing-older>. Acesso em: 10 nov 2019.

_____. **Aged by culture**. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

_____. **Ending ageism, or how not to shoot old people.** New Brunswick: Rutgers University Press, 2017.

_____. Our best and longest-running story: why is telling progress narrative so necessary, and so difficult? In: _____ **Agewise: fighting the new ageism in America.** Chicago: University of Chicago Press, 2011.

KAFKOVÁ, M. P. The active aging index (AAI) and its relation to the quality of life of older adults. In: ZAIDI, A., et al. **Building evidence for active ageing policy: active aging index and its potential.** [S.l.]: Palgrave Macmillan, 2018. p. 55-74.

_____. The “real” old age and the transition between the third and fourth age. **Sociologia**, v. 48, n. 6, p. 622-640, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311716743_The_Real_Old_Age_and_the_Transition_between_the_Third_and_Fourth_Age_1. Acesso em: 18 nov 2019.

MARSHALL, L. Through (with) the looking glass: revisiting Lacan and Woodward in “méconnaissance”, the mirror stage of old age. **Feminist Formation**, 01 jan. 2012. 52-76.

PRENSKY, M. Nativos digitais, imigrantes digitais. **On the horizon**, v. 9, n. 5, out 2001.

UNITED NATIONS. Our world is growing older: UN DESA releases new report on ageing. **UN DESA Voice**, Nova Iorque, outubro 2019. Disponível em: <https://www.un.org/development/desa/en/news/population/our-world-is-growing-older.html>. Acesso: 10 nov. 2019.

WOODWARD, K. **Ageing and it's discontents: Freud and other fictions.** Bloomington: Indiana University Press, 1991.

_____. (Ed.). **Figuring age: women, bodies, generations.** Bloomington: Indiana University Press, 1999.